

figurado português

de santos e diabos está o mundo cheio

Isabel Maria Fernandes
Angélica Lima Cruz
Antonino Jorge
Alberto Tapada
Inácio Nuno Pignatelli
Alberto Correia
Maria Manuel Bringel
Rafael Salinas Calado
Rui de Sousa Martins
José Campinho

© ??

ALBERTO CORREIA
ALBERTO TAPADA
ANGÉLICA LIMA CRUZ
ANTONINO JORGE
INÁCIO NUNO PIGNATELLI
ISABEL MARIA FERNANDES
JOSÉ CAMPINHO
MARIA MANUEL BRINGEL
RAFAEL SALINAS CALADO
RUI DE SOUSA MARTINS

coordenação científica **ISABEL MARIA FERNANDES**

revisão ??

design gráfico **VERA VELEZ**

fotografia **JOSÉ CARLOS GARCIA**

Edição ??, Novembro 2005

ISBN ??

Agradecimento

A edição deste livro contou com a colaboração do Instituto do Emprego e Formação Profissional para a fotografia das peças.

Índice

- 7** Prefácio
Isabel Maria Fernandes
- 9** Rosa Ramalho: as minhas mãos são o nosso mundo
Isabel Maria Fernandes
- 25** Mistério que se traduz em Domingos, Virgínia, Manuel e Francisco
Isabel Maria Fernandes
- 35** Figurado de Galegos: a vida das formas e as formas de vida
Angélica Lima Cruz
- 83** Albano Pinto de Carvalho: um «escultor» de figurado em terra de oleiros
Antonino Jorge e Alberto Tapada
- 93** Bonecos de barro de Vila Nova de Gaia
Inácio Nuno Pignatelli
- 111** Figurado: as mãos de Homens: Ao jeito de Javé
Alberto Correia
- 115** Barristas de Viseu: uma revelação do mundo
Alberto Correia
- 135** Figurado de Mafra: uma visão do mundo
Maria Manuel Bringel
- 149** Josafaz: Joaquim Lourenço faz
Isabel Maria Fernandes
- 155** O figurado conhecido por «bonecos de Estremoz»
Rafael Salinas Calado
- 179** O figurado recente que surgiu no concelho de Odemira
Rafael Salinas Calado
- 183** Representações dos costumes populares na escultura cerâmica dos Açores
Rui de Sousa Martins
- 203** A recriação do mundo pela olaria madeirense
José Campinho
- 216** Notas
- 221** Bibliografia



ROSA RAMALHO: AS MINHAS MÃOS SÃO O NOSSO MUNDO

Isabel Maria Fernandes

A vida... | Rosa nasceu com o calor do Verão, numa época do ano em que tudo é luz, e a festividade do tempo traz a festividade das gentes. No Minho, onde cresceu, recebeu com a água do baptismo o nome de Rosa Barbosa Lopes, corria, então, o ano de 1888.

Num corpo pequeno, com um olhar que abarcava o mundo, Rosa, tal como o figurado que produziu, foi crescendo, mudando de nome e diversificando o trabalho, ou os trabalhos a que qualquer um tem de ser afoito, se quer criar filhos e erguer a vida. Para que serve o corpo e as mãos se não para experimentar coisas novas, novos mundos!

Garota pequena, ainda não se contando pelos dedos das mãos os anos que de vida tinha, Rosa aprendeu com uma vizinha bonequeira a fazer figurado em barro. Nada que espante. Quem nasce em S. Martinho de Galegos (Barcelos) nasce no meio do barro e dos homens que o estimam e o tratam como pai. Terra de oleiros, daí, como das freguesias à volta, saíam talhas, púcaros, alguidares, panelas e cântaros. Enfim, peças que davam o sustento a quem as produzia e que serviam para preparar

os alimentos nos lares de uma vasta região que extravasava o Minho, chegava a Trás-os-Montes e entrava pelas Beiras adentro. Barcelos era terra de oleiros, ofício importante e indispensável num mundo ainda profundamente rural: o homem precisa de pão para a boca e de recipientes para os guardar, preparar e cozinhar, por isso, os oleiros eram profissionais estimados e necessários.

Mas Rosa não fez cântaros, nem púcaros, nem panelas. Não, Rosa era mulher, e as mulheres, nesta região, não trabalhavam à roda. Nem se pergunte porque assim era, era assim. São dados adquiridos que vêm da profundidade dos tempos e que, no momento em que se nasce, e dependendo do sexo com que se nasce, nos são transmitidos com o leite que bebemos. Oleiros eram os homens que produziam loiça, um bem essencial na sociedade de então. Para as mulheres estavam reservadas tarefas consideradas menores: ajudar os pais e os maridos que eram oleiros, indo à água, preparando o barro, indo à lenha, ajudando a enfornar e a desenfornar, vendendo a loiça. Tudo e isto e muito mais, pois cuidavam dos filhos e trata-



Rosa Ramalho

Rosa Ramalho

Par de bichos músicos, Galegos, S. Martinho, séc. XX, 2ª metade, alt. 28,4 cm

Marca RR



vam da casa. Mas, mulher a trabalhar à roda, isso não, isso nunca!

Mas também é verdade que, desde que o homem é homem, nem só de pão este vive. A pontuar os períodos de trabalho, há os momentos de lazer, sempre com a humana consciência de que os momentos de lazer existem como complemento e gratificação dos momentos passados a labutar. Para esses momentos de lazer, a mais das vezes para comemorar a virtude deste ou daquele Santo – ou, melhor dito, momentos de lazer propícios para que o homem recorra à bondade de Deus, de Nossa Senhora e da Sua corte de Santos, e Lhes peça benesses para as dores de garganta, as dores de parto, os momentos de aflição, as causas perdidas –, o homem permite-se criar objectos «inúteis», não necessários à sua subsistência.

A mais das vezes, esses objectos «inúteis», eram brinquedos de crianças (e que mais é o homem senão uma criança que cresceu em tamanho e em alma!), vendidos pelas feiras e romarias do país, e produzidos por oleiros e bonequeiros. Para dar préstimo a algum deste figurado havia também peças usadas pelos adultos como paliteiros, dado que dispunham de orifícios.

Também aqui o sexo impunha os seus ditames: as meninas, essas, compravam a *loicinha*, aprendendo desde pequenas as tarefas que a vida lhes iria impor – lavar e passar a ferro, cozinhar, tratar da casa e da criação (quer dos filhos quer dos animais que dão criação); os

meninos, esses, compravam assobios, pífaros, clarins e *figurado* que assobiava e os arquétipos que este simbolizava – o homem na bicicleta, a qual era o encanto dos seus sonhos; o soldado que todos gostariam um dia de ser; o guarda que os amedrontava, mas que era um símbolo de autoridade.

Em Barcelos, na altura em que Rosa aprendeu a fazer figurado, para além dos oleiros de loiça grossa – talhas, cântaros, panelas, púcaros, alguidares – havia os oleiros que se dedicavam a fazer «loicinha» de barro, também conhecida por «miudagem de roda» – reproduções, em formato reduzido mas também feitas à roda, de alguidares, panelas, fogareiros...; e os bonequeiros, que se dedicavam a fazer figurado, pequenas figuras de barro, pintadas ou vidradas, a que quase sempre era aposto um assobio, dando assim «uso» à «inutilidade» do boneco.

Voltemos aos trabalhos permitidos a quem tinha nascido mulher. Já vimos a que olaria de roda, aquela na qual se produz objectos «úteis», porque imprescindíveis à sociedade de então, só era feita por homens, oleiros de loiça grossa. Às mulheres apenas lhes era permitido coadjuvar os homens nas tarefas da olaria ou, então, fazer bonequagem, objectos «inúteis» porque desnecessários à sobrevivência do homem. A bonequagem ou figurado era uma arte menor que não exigia se soubesse trabalhar à roda. Também lá no Sul de Portugal, em Estremoz,

Rosa Ramalho

Pomba, Galegos, S. Martinho, séc. XX, 2ª metade, alt. 13,2 cm

Cão, Galegos, S. Martinho, séc. XX, 2ª metade, alt. 24,3 cm





Rosa Ramalho

Macaca cativa, Galegos, S. Martinho,
séc. XX, 2ª metade, alt. 14,3 cm

Mulher em carro de bois, Galegos, S. Martinho,
séc. XX, 2ª metade, alt. 25,2 cm



outra terra onde se fazia e faz bonecos de barro, as mulheres não trabalhavam à roda, mas às suas mãos era permitido criar figuras de Santos, ou de mulheres e homens.

Digamos que o figurado de barro nasce num mundo tendencialmente feminino,

produtor de coisas «inúteis», por oposição a um mundo masculino, produtor de peças de barro «úteis».

No entanto, com o rodar dos anos e a valorização do estatuto social dos bonequeiros, o mundo dos que fazem figurado, passou a ser, como deve ser, um mundo de homens e de mulheres.

Acrescente-se também, e em abono da verdade, que a olaria que se produzia no tempo dos nossos avós, deixou de ser uma «utilidade» e transformou-se numa «inutilidade» num mundo «domesticado» pelo plástico,

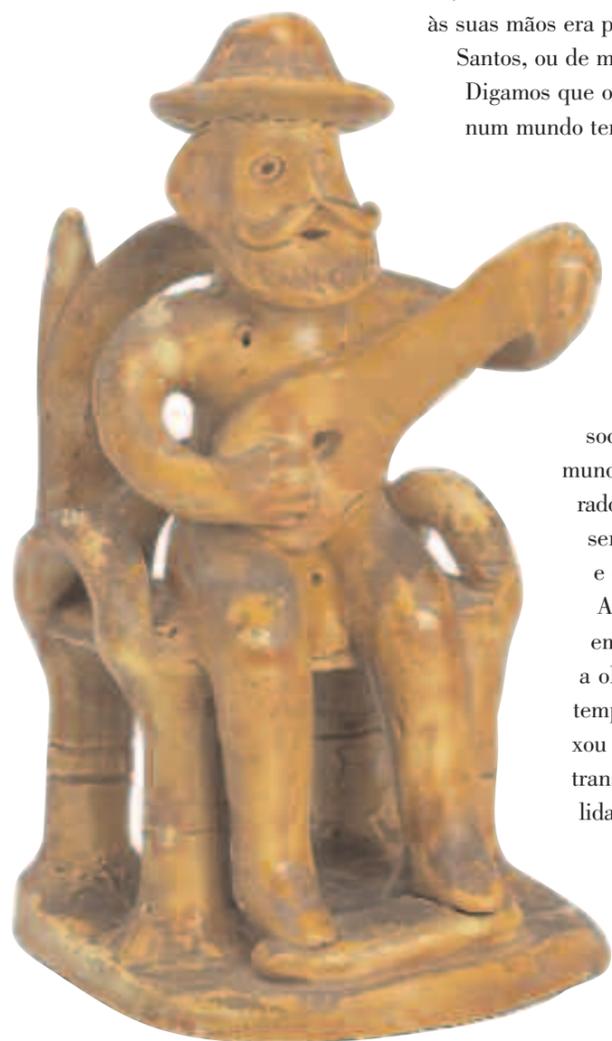
os *pirex*, as ligas metálicas, a «fast food».

Ao contrário, o figurado, deixou de ser uma «inutilidade» pró-

pria para crianças, para passar a ser uma «utilidade» de adultos, que nos aquece a alma, nos faz imaginar e conhecer outros imaginários, para além de embelezar os espaços nos quais vai decorrendo a nossa existência. Actualmente, as peças de figurado não são usadas como pali-teiros e quase não possuem assobio (porque apêndice inútil nos tempos de hoje), pois a música é outra e outros são os compradores.

Voltemos à nossa Rosa e à fase da sua vida em que, pequerrucha, foi fazer figurado para casa de uma bonequeira sua vizinha, poucos anos antes de o mundo festejar, com pompa e circunstância, o início de um novo século, o século XX.

As peças que então terá produzido ou ajudado a produzir, sob a orientação da sua mestra, eram seguramente as mesmas de que nos fala, quer Rocha Peixoto, em 1899, quer o comandante naval inglês H. N. Shore, o qual, no final do século XIX, viajou pela Romaria do Senhor de Matosinhos e pelo meio da sua feira de louça e figurado. A bonequagem de então era modelada (em alguns casos também se utilizavam moldes¹) e vidrada em tons de verde ou de castanho, e possuía, a mais das vezes, um assobio. Mas, foi também nesta viragem do século, que começaram a aparecer os bonecos simplesmente cozidos em chacota e depois pintados, com tintas não cerâmicas, à cor verde, azul e vermelha, fenómeno este que tanto horrorizou Rocha Peixoto.



Rosa Ramalho

Músico sentado em cadeira, Galegos, S. Martinho, séc. XX, 2ª metade, alt. 16,5 cm

Músico em carroça, Galegos, S. Martinho, séc. XX, 2ª metade, alt. 15,5 cm

Rei a cavalo numa criatura, Galegos, S. Martinho, séc. XX, 2ª metade, alt. 21 cm





Rosa Ramalho

Par de namorados: D. Dinis e Rainha Santa Isabel:
placa de parede, Galegos, S. Martinho,
séc. XX, 2ª metade, alt. 23,3 cm

Homem a cavalo, Galegos, S. Martinho,
séc. XX, 2ª metade, alt. 18,7 cm

Rosa, ainda menina e moça aprendeu a fazer bonecos, é certo, mas moça casou, tinha dezoito anos, com António Mota, moleiro de profissão. Com o casamento recebeu de herança a arte do marido e, em moleira se tornou. Arte que abandonou com a morte, nos anos cinquenta do século XX, do pai dos seus filhos. Rosa deixa, assim, a nobre arte de fazer farinha e retoma o fabrico de figurado.

Na «terceira idade» da vida – aquela que nos dá cabelos brancos e o saber de experiência feito –, com os filhos criados, volta Rosa a recordar os tempos de meninice através da feitura de bonecos, e, na arte que em menina aprendeu, se manteve até ao fim dos seus dias.

...e a obra | Sob a influência do que aprendeu em menina e moça, vai Rosa, já então conhecida como Rosa Ramalha (ou Ramalho no dizer de outros), fazer quer figurado em chacota, pintado, com tintas não cerâmicas, à cor verde, azul ou vermelha; quer figurado em chacota, sem pintura; quer ainda figurado vidrado com as cores usuais da olaria de louça vidrada – principalmente o castanho melado. Rosa perpetua, pois, uma produção de figurado que enraíza no século XIX.

No entanto, no figurado de Rosa Ramalho encontramos o que é costume nos artistas que se destacam – por um lado, um beber nas raízes, uma sã influência do mundo em que nasceram e se criaram; por outro lado, um rasgo criativo



que os faz diferentes dos seus pares. Rosa é, por isso, simultaneamente *imitação e originalidade*. Imitação, porque, à semelhança dos bonequeiros que a antecederam por terras barcelenses, faz o que os seus antepassados fizeram – no mundo figurado de Rosa e no mundo deles existem os animais que sempre conheceram, as representações do quotidiano que os cercava, e, até, bichos-homens do tempo em que os animais falavam e no mar havia sereias. Rosa é, por isso, *imitação* – mantém o espírito herdado pelos seus antepassados bonequeiros –, mas Rosa é, também, *originalidade*, na medida em que traz para o seu mundo figurado, o toque de magia, o rasgo criativo que não encontramos nas peças de outros artistas. Mas, no corpo pequeno de Rosa, a juntar ao olhar que abarca o mundo, havia também, assim foi fadada, um modo de estar, um modo de falar, um gosto por narrar, que fizeram dela uma excelente comuni-

cadora, de longe a melhor comunicadora de entre os bonequeiros da sua terra e da sua época. A sua criatividade reside, também, aí – nesse estar de bem com todos, perceber o que cada um espera dela, e ela dar, a cada um, apenas o que entende dever dar: nem mais, nem menos. A Rosa, os homens não a assustavam, nem sequer os bichos-homens! Rosa falava com os seus, falava com os Doutores, falava com os Engenheiros, falava com os Arquitectos, falava com os Ministros e até falava com os Presidentes da República! É preciso entender-se que o modo de falar e de estar eram, em Rosa, dons que ela, como mulher inteligente que sempre foi, bem soube aproveitar para vender a sua arte, o seu figurado. Há também que chamar a atenção para a mudança verificada nas temáticas abordadas pelos bonequeiros na época na qual Rosa retoma o figurado, corriam os anos 50 do século XX. De facto, através do texto de Rocha Peixoto, ficamos a saber que na transição do século XIX para o século XX, os barristas barcelenses raro tratam temas religiosos, a não ser a feitura de alminhas e de andores. Ora, se olharmos para a obra de Rosa Ramalho, do Mistério, da Júlia Côta, dos Baraças, em todos encontramos como tema recorrente a representação de cenas da vida de Cristo, da Virgem, dos Santos, e mesmo a realização de imponentes procissões como aquelas que o Mistério Pai fazia e de que os seus filhos mantêm a tradição. Terá Rosa sido a causadora dessa mudança?



O que terá levado a que na segunda metade do século XX, se valorizasse no figurado a representação de cenas da vida de Cristo e a hagiografia? Quer-me parecer que há vários motivos que se entrecruzam e que poderão ajudar a perceber o fenómeno. Em primeiro lugar, a alteração na função atribuída ao figurado – que deixa de ser um brinquedo de criança para passar a ser um objecto de culto para as elites adultas das cidades. Em segundo lugar, porque ao mudar de função, ao passar a ser comprado por e para adultos passa a valer

economicamente mais, e, ao valer mais, traz por arrastamento a valorização do estatuto social de quem faz figurado. Em terceiro lugar, porque ao valorizar o estatuto social dos bonequeiros se permite que estes se atreвам a fazer figuras sagradas, assumindo o papel do escultor que faz as imagens que eles estão habituados a ver nas igrejas. Grande mudança esta! Não nos esqueçamos, também, que é nesta época que os bonequeiros começam a assinar as suas peças, sendo certo que muitos deles não sabiam ler nem escrever. Com a valorização

Rosa Ramalho

Rainha Santa Isabel, Galegos, S. Martinho, séc. XX, 2ª metade, alt. 45,5 cm

Mulher, Galegos, S. Martinho, séc. XX, 2ª metade, alt. 47,5 cm

Santo António, Galegos, S. Martinho, séc. XX, 2ª metade, alt. 30,3 cm

Estudante, Galegos, S. Martinho, séc. XX, 2ª metade, alt. 28 cm

Rosa Ramalho

Diabo: placa de parede, Galegos, S. Martinho, séc. XX, 2ª metade, alt. 18,4 cm

Diabo músico, Galegos, S. Martinho, séc. XX, 2ª metade, alt. 28,4 cm





do estatuto de oleiro, vem a valorização da individualidade, da obra com assinatura. Por outro lado, o correr dos anos, a mudança de estatuto dos compradores e as profundas alterações da tecido social no mundo rural e no mundo citadino, fazem com que nem vendedores nem compradores se identifiquem com os arquétipos de um mundo rural desaparecido – o ferro de engomar a roupa que se enche com brasas, o homem na bicicleta, a mulher que lava a roupa, o arar das terras, o guardar dos porcos... Outros são os tempos, outras são as gentes. E, diga-se, apesar da descrença religiosa que se sente grassa sobre o «nosso mundo», a religião católica é um traço de união, um substrato onde todos nos unimos. Vai daí, os bonequeiros da segunda metade do século XX começam a entrar num «mundo» onde os seus antepassados não se atreveram a entrar – num «mundo» que reproduz em figurado cenas da vida de Cristo, da sua muito amada Mãe e de muitos santos e santas outros. É, de facto, um fenómeno – que permitirá muitas interpretações, muitas leituras – o que une um «mundo» rural que faz figurado de temática sacra a um «mundo» citadino que o compra...

Será que foi Rosa Ramalho quem estabeleceu, em Barcelos, este novo e nunca visto diálogo (tendo por intercessão a corte celestial) entre o mundo rural e o mundo citadino? Não o sabemos...

Mas Rosa não se limitou a tratar os Santos por tu. Do seu mundo também faz parte o Diabo. E será que alguma vez o Bem existiu, e teve sentido, sem o Mal? Que o dia existe sem a noite? Que o sol brilhe sem que lhe suceda o escuro da noite? De Santos e Diabos está o mundo cheio, e a nossa vida...

Não termina por aqui o contributo de Rosa para nos ajudar a entender o nosso mundo e as suas variegadas gentes e modos de sentir e de ver. No seu mundo, que é o nosso mundo, há bichos homens, há sereias, há seres que só nos sonhos conseguimos encontrar. As suas mãos, os seus olhos e as suas falas dão-nos a conhecer o nosso mundo. As suas mãos são os nossos olhos, o nosso sentir, o seu e o nosso mundo!

Rosa Ramalho

S. José, Galegos, S. Martinho, séc. XX, 2ª metade, alt. 21,2 cm

Cristo, Galegos, S. Martinho, séc. XX, 2ª metade, alt. 24,9 cm





BIBLIOGRAFIA

**ROSA RAMALHO:
AS MINHAS MÃOS SÃO O NOSSO MUNDO**

Isabel Maria Fernandes

CORREIA, 1965
João Macedo Correia – As louças de Barcelos. Barcelos: Museu Regional de Cerâmica, 1965. (Cadernos de Etnografia; 4).

COSTA, 2002
Alexandre Alves Costa – Quando eram rudes e exilados. In Mestres artesãos do século. Lisboa: Ministério da Segurança Social e do Trabalho. IEFP, 2002. P. 7-11.

FERREIRA, 1984
José Maria Cabral Ferreira – Das feiras para artesanato ao figurado de Barcelos. In Figurado de Barcelos: a produção actual: exposição. Barcelos: Museu de Olaria, 1984. P. 5-11.

MENESES, 2001
João Paulo Meneses – Nomes de Rosa. In Cultus. Lisboa: Ministério da Segurança Social e do Trabalho. IEFP, 2001. P. 119-123.

PACHECO, 1994
Hélder Pacheco – Matosinhos: memória e coração da Feira da louça. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, 1994.

RAMALHA, 1992
Rosa Ramalha – Falas, ditos, ditos, ditos pensados. Recolha e selecção de António Quadros. Lisboa: Ministério da Segurança Social e do Trabalho. IEFP, 1992.

**MISTÉRIO QUE SE TRADUZ EM DOMINGOS,
VIRGÍNIA, MANUEL E FRANCISCO**

Isabel Maria Fernandes

CORREIA, 1965
João Macedo Correia – As louças de Barcelos. Barcelos: Museu Regional de Cerâmica, 1965. (Cadernos de Etnografia; 4).

FERNANDES, 1997
Isabel Maria Fernandes – Júlio Alonso: um percurso pelo barro. In Encontro de Olaria Tradicional de Matosinhos: actas: 2. Matosinhos: Câmara Municipal, 1997. P. 60- 75.

FIGURADO, 1984
Figurado de Barcelos: a produção actual: exposição. Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos. Museu de Olaria, 1984.

**FIGURADO DE GALEGOS: A VIDA DAS
FORMAS E AS FORMAS DE VIDA**

Angélica Lima Cruz

ARENDT, 1958
Hannah Arendt – The Human Condition. Chicago: University of Chicago Press, 1958.

AZEVEDO, 1997
Ana Maria Azevedo – Os Cantares Polifónicos das Mulheres do Baixo Minho e a Problemática da Transformação. [Texto policopiado]. Lisboa: Universidade Nova, 1990. Tese de Mestrado apresentada na Universidade Nova de Lisboa.

BEAUVOIR, 1978
Simone de Beauvoir - Le Deuxième Sexe. Paris: Gallimard, 1978.

BECKER, 1984
Howard Becker – Art Worlds. Berkeley: University of California Press, 1984. 1.ª ed., 1982.

BENJAMIN, 1992
Walter Benjamin – Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política. Lisboa: Relógio D'Água, 1992. 1.ª ed. 1928.

BENJAMIN, 1999
Walter Benjamin – Illuminations. London: Fontana Press, 1999. 1.ª ed. 1955.

BERGER, 1972
John Berger – Modos de Ver. Lisboa: Edições 70, 1972.

BERNIER, 2001
Isabelle Bernier – In the Shadow of Contemporary art. In Hilary Robinson (ed.) – Feminism: Art Theory: an Anthropology: 1968-2000. Oxford: Blackwell Publishers, 2001. P. 41-48.

BERTAUX; BERTAUX-WIAME, 1993
Daniel Bertaux; Isabelle Bertaux-Wiame – Histórias de Vida del Ofício de Panadero. In José Miguel Marinas, e Cristina Santamarina (eds.) – La História Oral: Métodos e Experiências. Madrid: Debate, 1993.

BOURDIEU, 1999
Pierre Bourdieu – A Dominação Masculina. Oeiras: Celta Editora, 1999.

CABRAL, 1989
J. Pina Cabral – Filhos de Adão Filhas de Eva. Lisboa: D. Quixote, 1989.